

Transcrição - Temacast #65 - Guerra Peninsular

Participantes do programa:

Francisco Seixas

Igor Alcantara

Jorge Virgilio

Equipe de Transcrição:

Carlos Barbosa - <https://www.linkedin.com/in/carlos-barbosa-15491b47/>

Fernanda Marini - Twitter: @femarini

Karla Michelle Braga - Facebook: <https://www.facebook.com/kmmeneses/>

Rafael Rezende - Twitter: @KoreiaPS

[#1 Parte da transcrição]

[ABERTURA]

[Francisco Seixas]

[00:22]

Muito bem meus amigos, está começando mais um Temacast e hoje vamos falar sobre um importante capítulo da história mundial que completa agora, em 2017, 210 anos e que envolveu pelo menos quatro países: França, Espanha, Portugal e Reino Unido. E envolve nosso amigo possível paciente de gastrite: o Napoleão Bonaparte.

Eu estou falando da **Guerra Peninsular** e para tratar deste assunto eu tenho aqui comigo o Igor Alcantara.

[Igor Alcantara]

[00:49]

O Napoleão, ele é tão citado aqui no Temacast que eu me arrisco a dizer que ele já até é íntimo, já é de casa. A gente podia até chamá-lo de Napô, Naná ou quem sabe Bobô, alguma coisa assim.

[Francisco Seixas]

[00:59]

Pois é.

E também vai gravar com a gente hoje aqui o nosso amigo: o Jorge Virgilio.

[Jorge Virgilio]

[01:05]

Olá Francisco. Olá, Igor. Olá, ouvintes. E finalmente nós vamos descobrir o maior mistério da humanidade: qual era a cor do cavalo branco de Napoleão.

[Francisco Seixas]

[01:14]

Não vamos não!

Mas, olha só gente: não se esqueçam que o Temacast **não** chega até vocês pelo apoio do **Banco Bamerindus**, mas sim através da doação de ouvintes que todo mês contribuem para a realização do programa. Se você quer fazer parte do nosso time de mecenas e ajudar o Temacast a crescer, entre em nosso site temacast.com.br e descubra mais. Você também pode entrar diretamente em um desses links: [patreon.com/temacast](https://www.patreon.com/temacast) ou em apoia.se/temacast.

O episódio vai começar agora, mas não se esqueça que na sequência tem a leitura de e-mails e comentários. Então bora lá.

[INTRODUÇÃO]

[02:01]

A Guerra Peninsular, que na Espanha é conhecida como **Guerra de Independência Espanhola**, aconteceu entre 1807 e 1814 e estava envolvida em uma série de conflitos que historiadores convencionaram chamar de **Guerras Napoleônicas**. Portugal e Espanha entraram nesse balaio geopolítico, mas o principal alvo de Napoleão nessa confusão era a Inglaterra. Então, antes de falarmos da Guerra Peninsular, vamos entender as causas disso. De todo modo, a gente não vai tentar se aprofundar muito nas guerras napoleônicas que aconteceram em outros territórios, como, por exemplo, na Áustria ou na Rússia, para não perder o foco desse nosso episódio de hoje.

Se o ouvinte quiser compreender um pouco melhor o contexto, eu aconselho a escutar o episódio piloto que gravamos para série Temacast+ sobre a **Guerra dos Pirineus**. De qualquer forma, vamos contextualizar aqui para você, mas eu vou pedir para o meu amigo Igor Alcantara fazer isso pra nós. Vamos lá, Igor, é contigo!

[Igor Alcantara]

[02:59]

[CAUSAS]

Vamos lá.

Não me delongando muito, vamos lembrar que a França passou por grandes transformações no Século XVIII. O país era governado por um rei absolutista, como a gente lembra o Luís XVI, mas somando as ideias do iluminismo lá atrás com a independência dos EUA, o povo já questionava a autoridade do rei. O iluminismo, como a gente já viu em outros episódios, era um movimento filosófico com forte teor liberal burguês. E, como liberal, pregava uma redução do poder do Estado.

Entenda que nós já estamos no Século XVIII, mas a estrutura social francesa lembrava muito a medieval, com três grupos sociais diferentes, cada um com direitos e deveres distintos. Tinha o primeiro, que era o **Primeiro Estado**, composto principalmente pelo clero; havia o **Segundo Estado**, que abrigava os nobres; e o **Terceiro Estado**, que era o povão em si. Os privilégios eram apenas dos dois primeiros grupos, mas só o terceiro pagava os impostos. É muito diferente de hoje em dia. E, claro, todo mundo estava sob as ordens supremas do Rei, que era a lei.

Nesta mesma época, a França passava por uma grave crise financeira causada principalmente pelo alto custo das diversas guerras que eles haviam se metido nos anos anteriores, como, por exemplo, a **Guerra dos Sete Anos** e, por causa disso, o Rei decidiu cobrar impostos também dos nobres e do clero. Já esses dois primeiros Estados aí dos nobres e do clero, inspirados pelo iluminismo, não aceitaram pagar por essa conta e incentivaram o povo a lutar contra o absolutismo. Quer dizer: enquanto era o povo que estava pagando por tudo, eles não tinham nenhum problema com a intervenção do Estado, mas quando eles tiveram que pagar, aí não... aí eu sou liberal, né? Enfim...

Só que a coisa foi aos poucos escalonando, escalonando... até que, em 1789, a prisão para onde eram mandados os presos políticos, a Bastilha, é tomada dando início à Revolução Francesa, que levou muitos religiosos e nobres para a guilhotina, guilhotina essa que eu já comentei em outros episódios, funcionou na França até 1877, e chegou esse processo no final a decapitar o próprio rei e sua esposa, a Maria Antonieta. O ideal da Revolução Francesa ali era enforcar o último nobre nas tripas do último padre.

Quando isso aconteceu, quando o rei foi guilhotinado, quatro anos depois do início da revolução, em 1793, os outros reinos europeus decidiram reagir porque, claro, tinham medo daquela revolução se espalhar pela Europa. E aí forma-se a **Primeira Coalizão** e nós entramos em um período que conhecemos como **Guerras Revolucionárias**

Francesas. E incluída nesse período está a famosa Guerra dos Pirineus, que a gente comentou no novo episódio piloto do TemaCast+.

Aqui era basicamente todo mundo contra a França, que agora já era chamada de República Francesa. Um desses países é a Espanha e aí, mais uma vez, a gente está falando da Guerra dos Pirineus, que a gente já abordou. Quando a França vence a Guerra dos Pirineus, ela assina um tratado de paz com a Espanha, mas os outros dois envolvidos na guerra, Portugal e Inglaterra, não fazem parte deste acordo, já que a participação deles na guerra foi indireta, não era uma participação oficial. E eles basicamente enviavam tropas e recursos para ajudar os espanhóis.

Em 1799, fechando o Século XVIII, acontece o **Golpe do 18 de Brumário** e o general **Napoleão Bonaparte** chega ao poder. A França vai vencendo essas guerras, uma após a outra, são várias guerras nesse período, e ela vai saindo da defensiva para o ataque, conquistando cada vez mais territórios em um período conhecido agora como **Guerras Napoleônicas**. Então aquele período que a gente viu das Guerras Revolucionárias vai evoluindo para esse período de Guerras Napoleônicas. O sucesso do Napoleão e a popularidade dele era tão grande que em 1804 ele se declara imperador. É aquela história: a Revolução tirou um rei para colocar outro.

[MÚSICA]

[Jorge Virgílio]

[07:07]

[BLOQUEIO CONTINENTAL]

O Igor citou a Guerras dos Pirineus, também conhecida como Campanha do Rossilhão. Bom, como resultado dessa guerra, como a gente viu lá no TemaCast+, e por falta de opção melhor, a Espanha acabou por se aliar à França. Já no poder em 1806, o Napoleão decretou o **Bloqueio Continental** que proibia que qualquer país da Europa continental comprasse produtos britânicos e isolou as ilhas do Reino Unido. Vamos então entender, então, um pouco dos motivos desta decisão de Napoleão e as suas consequências.

O **Primeiro Império Francês**, nome que a França adotou pra si e para seus territórios, junto com sua aliada Espanha, enfrentou a Inglaterra em um combate ao sul da costa espanhola conhecido como **Batalha de Trafalgar**. Essa batalha aconteceu no dia 21 de Outubro de 1805. Os ingleses, comandados pelo **Almirante Nelson**, venceram e tornaram mais difícil a tarefa de Napoleão de conquistar os mares do continente.

Aqui só um comentário totalmente aleatório: é que eu lembrei desse Almirante Nelson da época em que eu estava no Ensino Médio, eu tinha um professor de História que se chamava Nelson. E, quando ele estava falando sobre essa época, falou que a coisa mais importante de se saber sobre o Almirante Nelson é que ele se chamava Nelson. Enfim... Infame.

Aliás, é em homenagem a esta vitória que existe em Londres a famosa **Trafalgar Square**, que possui ao centro um obelisco com a estátua do Almirante Nelson em seu topo. Mandar aqui um abraço pro meu professor de História, uma homenagem aí, porque ele gostava bastante do Almirante Nelson.

Bem, por perceber que não conseguiria dominar seus inimigos ingleses por meio das armas, Napoleão decidiu atingi-los financeiramente. E foi por isso que, enquanto estava em Berlim, assinou no dia 21 de Novembro de 1806, portanto cerca de um ano após perder a Batalha de Trafalgar, um Decreto que proibia o acesso aos portos dos países sob domínio francês por parte de embarcações do **Reino Unido da Grã Bretanha e Irlanda**.

Por conta disso, os ingleses passaram a escoar suas mercadorias pela Dinamarca, o que levou a um novo decreto, em 1807, estendendo a restrição também ao Mar

Báltico. De modo a combater algumas brechas nesse decreto, houve naquele mesmo ano outros dois decretos, um que listava algumas mercadorias vindas de colônias que estariam sujeitas ao embargo e outro que também bloqueava navios de outras nacionalidades que tivessem passado por portos ingleses.

Era muito difícil, evidentemente, e caro controlar tudo isso. Portanto, esse bloqueio representou um enorme gasto para os franceses. Sem contar que o Napoleão, que tinha muito prestígio nas nações conquistadas, perdeu muita popularidade e apoio. Afinal de contas, meu produto importado primeiro. Por vezes ele tinha que recorrer a medidas mais drásticas, como o uso da força, para forçar que determinados países obedecessem aos seus decretos.

Mas, oh Francisco, você que é muito chegado aí à Terrinha, como é que ficou Portugal nisso tudo?

[Francisco Seixas]

[09:53]

[OCUPAÇÃO DA ESPANHA]

Pois é, cara.

Portugal tinha assinado em 1373 o **Tratado Anglo-Português**, que estabelecia uma “perpétua amizade, sindicato e aliança” com a Inglaterra. Esse tratado, aliás, foi reforçado em diversas oportunidades e está em vigor até hoje. Por causa deste pacto e pelo grande intercâmbio comercial que Portugal tinha com os britânicos, eles se negaram a obedecer ao embargo. Bom, na verdade eles ficaram num dilema. Havia no **Conselho de Estado** em Portugal dois partidos: o “partido inglês” e o “partido francês”. O partido francês defendia a aceitação incondicional das exigências de Napoleão: fechamento dos portos a navios britânicos e prisão de bens e cidadãos ingleses que estivessem em solo português. No final venceu o partido francês, mas sem essa parte de prisão dos britânicos. Só que tudo isso era algo pra “inglês” ver, ou melhor, para “francês” ver. Em paralelo, já estava decidido a fuga do príncipe herdeiro, D. Pedro de Alcântara e mais algumas pessoas da família real para o Brasil, com conhecimento e ajuda do Reino Unido. Mas, não vou entrar nesses detalhes porque isso será um episódio futuro onde vamos abordar a mudança da corte portuguesa pra cá pro Brasil.

E enquanto isso, a França continuava sua expansão rumo ao leste europeu. No entanto, vendo que não conseguiria vencer facilmente a Rússia, Napoleão assinou em 1807 com os russos e os prussianos dois tratados de paz que ficaram conhecidos como os **Tratados de Tilsit**. Dentre as cláusulas destes tratados uma delas diz respeito diretamente a este episódio que você está ouvindo: era a extinção das dinastias Bourbon na Espanha e Bragança em Portugal, sendo que a coroa destes reinos seria concedida a um príncipe da família do Imperador Napoleão.

Depois da assinatura destes acordos, em Julho de 1807, sabendo então que não seria incomodado ao leste nem pela Prússia e nem pela Rússia, Napoleão decidiu invadir e ocupar a Península Ibérica. Em Outubro daquele mesmo ano, o primeiro ministro espanhol, **Manuel de Godoy**, assina secretamente com a França o **Tratado de Fontainebleau**. De acordo com este documento, a Espanha daria livre trânsito às tropas francesas em seu território e daria o apoio necessário a elas, que atravessariam a península em direção a Portugal. E, claro, tudo isso foi decidido em segredo para pegar os portugueses de surpresa.

Esse tratado era importante para Napoleão já que ele não conseguiria atacar pelo mar visto que a Marinha Britânica protegia a costa dos nossos patrícios portugueses. E, com o consentimento espanhol, seu exército chegaria descansado e inteiro para dominar as terras lusitanas. Em troca, os espanhóis ganhariam a posse de parte do país vizinho. Por este acordo, Portugal seria dividido em três territórios: o novo **Reino da Lusitânia Setentrional**, o **Algarve** e o restante **Reino de Portugal**. A Lusitânia Setentrional, que é onde fica a cidade do Porto, ou seja, no norte do país, seria

controlado pelo franceses na figura do Rei da Etrúria, o Algarve, ao sul e é onde fica o Alentejo, seria controlado pelos espanhóis e o restante do país, ficava em “stand by” até que a paz entre Portugal e França fosse decretada.

[Igor Alcantara]

[13:11]

Mas Francisco, o Napoleão se contentou com esse acordo de apenas atravessar a Espanha até Portugal, sem ocupar?

[Francisco Seixas]

[13:17]

[RISOS]

Claro que não! Nesse período, a Espanha estava enfrentando vários problemas internos devido à incapacidade do rei **Carlos IV** em governar o país. Na verdade, a incompetência dele era de conhecimento do povo e da corte. Todo mundo sabia que o cara não dava pro negócio. Então, sabendo disso, e usando sua máxima de “dividir para conquistar”, Napoleão se finge de amigo do rei e convida Carlos IV e seu filho, Fernando, para uma visita a Paris. Enquanto o rei estava fora, as tropas francesas já passeavam livremente pela Espanha sob o pretexto de chegarem até Portugal, mas as intenções, meu caro, eram outras. E aí que se dá oficialmente o início da **Guerra Peninsular**.

[Jorge Virgilio]

[14:00]

Mas, oh Francisco, o que o povo espanhol achou disso?

[Francisco Seixas]

[14:03]

O povo espanhol já estava passando por um processo de “afrancesamento”. Ou seja, além de absorver muito da cultura do país vizinho, eles já exageravam nas roupas, no formalismo, nas futilidades. E isso não apenas os nobres, os pobres também. O povo em geral já estava bem afrancesado. Esse fato somado à baixa popularidade do rei fez com que as tropas de Napoleão fossem recebidas até com bastante alegria, com muita festa. Até porque as pessoas não viam ameaça naquele gesto. Eles achavam que os franceses, afinal de contas, eram aliados.

Só que o aliado se voltou contra eles. Os franceses, na verdade, se voltaram contra os espanhóis. Como é que foi isso? Bom, aproveitando que o rei Carlos IV e o filho estavam lá em Paris, em fevereiro de 1808 Napoleão ordenou a tomada dos fortes e bases militares da Espanha. Em 29 de Fevereiro, Barcelona caiu. Então, com o “caô” de que alguns militares franceses estavam feridos e precisavam de tratamento, as tropas francesas foram autorizadas a entrar dentro das fortificações da cidade da Catalunha e, chegando lá, renderam o exército espanhol. Exército esse que contava com 100 mil homens, mas estava mal equipado, dividido, com poucos cavalos e munição e que nem tinha sequer liderança em algumas cidades. Isso sem contar que uma das melhores divisões, que era a divisão do Norte, tinha sido cedida a Napoleão e estava em missão na Dinamarca sob ordens francesas.

A popularidade do Rei, que já era baixa, acabou ficando zerada depois disso.

[#2 Parte da transcrição]

[TROCA DE PODER NA ESPANHA]

[Igor Alcantara]

[15:35]

É verdade. E, por conta disso, a Guarda Real instigou o povo, que protestou exigindo a abdicação de Carlos IV para que seu filho assumisse. Quando isso aconteceu, a

família real já tinha voltado de Paris e passava uns dias no Palácio de Inverno, na cidadezinha de Aranjuez. Aconteceu ali um motim no dia 17 de Março, planejado pelo próprio filho do rei, que se viu obrigado, no caso o Rei, a abdicar da coroa. Agora, o soberano era seu filho Fernando VII que, ao retornar a Madri, foi aclamado como herói e salvador da população.

Só que é óbvio que o Napoleão não iria deixar outro rei governando a Espanha, ainda mais um cheio de popularidade. O imperador francês obrigou tanto Fernando quanto seu pai a se encontrarem com ele para uma reunião na cidade francesa de Bayonne. Só que antes de falar desta reunião, deixa eu falar de um outro personagem desta história: o general francês Joaquim Murat.

Murat era um dos mais fortes aliados de Napoleão e havia lutado nas guerras revolucionárias francesas. Foi ele quem liderou as tropas francesas na tomada da Espanha. Enquanto aconteciam os Motins de Aranjuez, [que acabei de citar] ele ocupava Madri em 23 de Março daquele ano de 1808.

Dois anos antes, aliás, Napoleão o presenteou com o título de Grão-Duque de Berg e ele governou essa região do território alemão por mais ainda uns 4 meses após a tomada de Madri. Após sair do cargo de governante de Berg ele se tornaria Rei de Nápoles e ficaria até a derrota de Napoleão em 1815.

Mas voltando à Espanha, um dia depois de Madri ser ocupada é que acontece a chegada triunfal do novo rei Fernando VII que eu comentei agora há pouco. Só que o nosso amigo Murat falou: olha, a coisa não é bem assim não. Troca de governo aqui só acontece se o Imperador [Napoleão] deixar e nos termos que ele determinar como vai acontecer. Foi por isso que tanto o Fernando quanto seu pai Carlos foram convidados coercivamente a este encontro com Napoleão em Bayonne, no sudoeste da França, bem próximo da fronteira com a Espanha.

E nesta cidade aconteceram em Maio daquele ano de 1808 as Abdicações de Bayonne. Neste evento, Carlos IV, que já tinha abdicado, foi obrigado agora, sob os olhos de Napoleão, a abdicar novamente e na sequência, o filho dele Fernando VII também foi obrigado a abdicar. Isso tudo em benefício ao irmão de Napoleão, José Bonaparte, que em Junho assumiria o trono da Espanha como José I. José era até então Rei de Nápoles, mas ele cederia esse título ao general Joaquim Murat, que em Nápoles seria chamado de Joaquim I.

LEVANTAMENTOS DE DOIS DE MAIO

[Jorge Virgílio]

[18:45]

Enquanto Carlos e Fernando se reuniam com Napoleão em Bayonne, foi criada uma junta governamental para governar a Espanha. Essa junta contava com o próprio Murat e representantes de Fernando VII, mas na prática quem mandava era Murat. Portanto, o que ele queria, ele fazia. No dia 27 de Abril ele ordenou a transferência para Bayonne dos dois filhos de Carlos IV que ainda estavam em Madri: Maria Luíza, que na época tinha 26 anos e era Rainha Consorte da Etrúria, e o caçula Francisco de Paula, então com 14 anos de idade.

Maria Luiza, que inclusive seria beatificada em 1876 pelo papa Pio IX, havia se tornado rainha da Etrúria após a morte de seu marido, o antigo rei Luís I, mas perdeu o trono quando Napoleão invadiu aquelas terras. Ela então se refugiou em Madri. Agora havia mais uma ordem para outra mudança dela, junto com seu irmão, para a França.

Sabendo que isso era uma estratégia de Napoleão para pressionar a coroa espanhola a ceder pacificamente às suas exigências no acordo que aconteceria lá na França, a junta de governo inicialmente recusou a assinar essa ordem. Foram então aí três a quatro dias de impasse até que na noite do dia 01 a 02 de Maio a junta finalmente cedeu, seguindo inclusive a uma recomendação do próprio Fernando, enviadas de Bayonne por um mensageiro.

Sabendo o que algo iria acontecer, já na manhã do dia 2 de Maio uma multidão se reuniu em frente ao Palácio Real. Eles viram que soldados franceses levavam Francisco de Paula à força e uma pessoa gritou “Que lo Llevan!”, ou em uma tradução livre: “vão levá-lo!”. Nisso, Francisco de Paula correu até uma varanda e pediu socorro. A população tentou invadir o palácio e uma enorme confusão começou. Aproveitando-se desse tumulto, Joaquim Murat chamou a guarda imperial francesa, que, para proteger o palácio, enfrentou as pessoas com tiros. Aí aquele desejo de impedir a condução coercitiva do caçula de Carlos IV se juntou a um sentimento de vingança pelas pessoas que ali foram mortas e isso evoluiu para um levante que tomou as ruas de Madri.

A estratégia da população foi correr para as entradas da cidade de modo a evitar que mais tropas francesas chegasse ali. Só que essas tropas já haviam entrado e se dirigiam ao centro para colocar fim ao conflito. Como as pessoas não tinham muitas armas apelaram para qualquer objeto cortante que achavam: navalhas, facas, lanças tiradas de muros, e aí o que se viu foi um verdadeiro horror de mortes por esfaqueamentos e degolações. Os soldados de Napoleão também aumentaram a crueldade de suas ações e apenas em um dia centenas de pessoas morreram.

Enquanto se desenvolvia a luta, os militares espanhóis permaneceram aquartelados e passivos, seguindo ordens do capitão-general Francisco Javier Negrete. Somente os artilheiros do parque de Artilharia situado no Palácio de Monteleón desobedeceram às ordens e uniram-se à insurreição. Os heróis de maior graduação foram os capitães Luis Daoíz, que assumiu o comando dos insurgentes por ser o mais veterano, e Pedro Velarde. Com os seus homens, terminaram por lutar no Parque de Artilharia de Monteleón e, após repelirem uma primeira ofensiva francesa comandada pelo general Lefranc, morreram lutando heroicamente perante os reforços enviados por Murat.

Dois de maio não foi a rebelião do Estado espanhol contra os franceses, mas a das classes populares de Madrid contra o ocupante tolerado por grande quantidade de membros da Administração. De fato, a entrada das tropas francesas foi legal, acordado no Tratado de Fontainebleau. Só que os limites deste tratado foram rapidamente ultrapassados, com franceses ocupando locais que não estavam no caminho para Portugal, o seu suposto objetivo.

A repressão foi cruel. Murat, para quem não foi suficiente aplacar o levantamento, concebeu três objetivos: controlar a administração e o exército espanhol, aplicar um rigoroso castigo aos rebeldes para exemplo de todos os espanhóis e afirmar que era ele quem governava a Espanha. Na tarde de 2 de maio, assinou um decreto que criou uma comissão militar, presidida pelo general Grouchy, para sentenciar à morte todos quantos fossem colhidos com armas na mão.

O Conselho de Castela publicou uma proclamação que declarou ilícita qualquer reunião em locais públicos e foi ordenada a entrega de todas as armas, brancas ou de fogo. Militares espanhóis colaboraram com Grouchy na comissão militar. Nestes primeiros momentos, as classes ricas pareceram preferir o triunfo das armas de Murat ao dos patriotas, compostos unicamente pelas classes populares. É que o medo do que aconteceu na França em 1789 se repetisse na Espanha.

No dia seguinte, centenas de espanhóis foram fuzilados. Anos depois, alguns eventos deste levante foram retratados pelo pintor Francisco de Goya, incluindo um de seus quadros mais famosos: "Os fuzilamentos na montanha do Príncipe Pío". Hoje em dia o dia 2 de Maio é uma data comemorativa onde esses acontecimentos são lembrados.

[OUTRAS INSURREIÇÕES]

[Francisco Seixas]

[24:04]

Só que as revoltas não pararam por aí. Em 23 de maio ocorreram as primeiras revoltas em Cartagena e Valência, seguidas por revoltas no dia 24 em Saragoça e Múrcia e no dia 25 na província das Astúrias, a qual expulsou o governador francês e

declarou guerra a Napoleão. Nas semanas seguintes, todas as províncias adotaram a mesma posição.

Em Cartagena, foram distribuídos pela população cocares vermelhos, emblema tradicional da monarquia. A revolta foi apoiada pela guarnição local, que prendeu o capitão-general e o governador militar e estabeleceu uma junta provincial. A deterioração da situação forçou a França a aumentar o contingente militar. Em 1 de junho de 1808, são enviados para Espanha mais 65.000 soldados para controlar a crise.

Embora Napoleão contasse com as revoltas populares, acreditava que o exército espanhol se manteria neutro ou se colocaria sob o seu comando, que as revoltas eventualmente terminariam e que Espanha se tornaria uma região pacífica se o seu irmão José fosse coroado rei.

Dupont de l'Étang liderou 24.430 homens em direção a Sevilha e Cádiz. O marechal **Jean-Baptiste Bessières** deslocou-se para Aragão e Castela acompanhado de 25.000 homens, com o objetivo de capturar Santander e Saragoça. **Boncey** marchou em direção a Valência com 29.350 homens e **Guillaume Philibert Duhesme** deslocou 12.710 soldados para a Catalunha em direção a Girona.

No entanto, após a Batalha do Bruc a cerca de 50 km de Barcelona, os franceses foram forçados a retirar-se devido ao elevado número de baixas infligido pela milícia catalã. Os franceses também não conseguiram capturar a cidade de Gerona e em 10 de junho, todos os navios de linha franceses ancorados em Cádiz foram capturados. Em Aragão, 6 mil homens seriam derrotados no **Primeiro Cerco de Saragoça**. O avanço em direção à costa terminou com a derrota em Valência.

Ao norte, os franceses obtiveram algumas vitórias. Quando a marcha de Bessières's sobre Santander foi repelida em julho, os franceses regressaram e encontraram o exército conjunto de Blake e Cuesta. Durante a Batalha de Medina de Rioseco, os generais espanhóis, após insistência de Cuesta, atacaram as vulneráveis linhas de abastecimento francesas em **Valladolid**. Os dois exércitos confrontaram-se em 14 de julho, mas Cuesta deixou um intervalo entre as suas tropas e as de Blake, do qual os franceses tiraram bastante proveito.

Com a derrota de Cuesta, Castela passou novamente para o domínio francês. Essa vitória assegurou a posição estratégica do exército francês no norte da Espanha, abrindo caminho para Madrid. Dissipada a ameaça espanhola, José Napoleão entrou em Madrid em 20 de julho de 1808, sendo coroado rei de Espanha no dia 25.

No entanto, com a perda de 24.000 homens, a máquina militar de Napoleão entrou em colapso. Em 1 de agosto, José, que tinha mais de 23.000 homens em Madrid e acreditava que estava iminente um ataque de milhares de espanhóis sedentos de vingança, retirou-se da capital para Castela. A Europa viu com bons olhos a resistência ao supostamente invencível exército francês. Pela primeira vez desde 1801, um exército francês de dimensão considerável assistia a várias derrotas. As histórias de heroísmo espanhol inspiraram os patriotas austríacos a resistir e demonstraram a força dos movimentos nacionais de resistência.

Nós estamos falando muito da Espanha, mas e Portugal? Conta aí pra nós, Igor.

[INVASÃO DE PORTUGAL]

[Igor Alcantara]

[28:03]

Ora pois.

Sobre Portugal, a gente precisa voltar um pouquinho no tempo já que essa história acontece simultaneamente nos dois países da Península Ibérica [Então fique aqui com a gente ouvinte que você irá entender]. A gente falou agora da Espanha, então vamos ver o que estava acontecendo com nossos patrícios.

Bem, antes da França invadir a Espanha, nós contamos que esses dois países assinaram um acordo secreto que permitia às tropas de Napoleão atravessarem as terras espanholas como caminho para chegar à Portugal e sabemos que Napoleão fez

isso porque Portugal era aliado da Inglaterra e estava desobedecendo ao Bloqueio Continental que Napoleão impôs aos navios ingleses. Esse acordo é conhecido como Tratado de Fontainebleau.

Então, isso aconteceu no ano anterior a essa confusão toda com a Espanha, em Junho de 1807. Em Outubro, um efetivo francês de 25.000 homens comandados pelo general Jean-Andoche Junot marchava pela Espanha com destino à Portugal. Eles chegaram na cidade espanhola de Salamanca no dia 12 de Novembro e já estavam perto da fronteira portuguesa.

Até ali a viagem se dava bem tranquila, foram 25 dias para percorrer 500 quilômetros. Só que chegaram notícias de movimentos de que tropas britânicas poderiam ser mandadas para apoiar a coroa portuguesa. Junot então apressou o passo, e entrou em Portugal por Alcantara onde recebeu o apoio de 25.000 soldados espanhóis e de lá seguiu para Lisboa. Ou seja, ele dobrou seu efetivo com a ajuda espanhola.

Segundo as ordens de Napoleão, Junot devia entrar em Portugal pelo vale do Tejo. Este era o caminho mais curto e que atravessava as regiões onde era previsível que houvesse menos resistência, pois lá não havia fortalezas. Assim, Junot chegaria rapidamente a Lisboa e aprisionaria a família real portuguesa. Todas as premissas estavam certas, exceto que essa estrada só existia no mapa. Olha aí, será que herdamos isso de quem, hein? Na realidade, seguindo as instruções da coroa portuguesa, não houve resistência ao invasor mas o terreno, as péssimas vias de comunicação e as condições atmosféricas, quase destruíram o exército Francês.

No meio do caminho, um corpo diplomático português esperava pelo que sobrou das tropas francesas e espanholas e propôs um acordo, ao qual, claro, Junot se negou a aceitar. Assim, mesmo quase aos frangalhos, ele continuou a marcha até Lisboa. Nisso, colocando em prática algo que já tinha sido planejado poucos meses antes, Portugal reuniu um pequeno efetivo de cerca de 1.500 homens para defender a capital. Ao mesmo tempo, se preparava para fugir, já que eles sabiam que seriam facilmente capturados, a família real portuguesa e famílias próximas (o que inclui, aliás, meu tataravô, D. Henrique de Alcantara).

[Francisco Seixas]

[31:03]

Ah! Fala sério.

[Igor Alcantara]

[31:06]

Pior que é verdade.

Esses detalhes a gente aprofundar melhor num episódio futuro quando formos falar da Família Real Portuguesa no Brasil.

Junot entrou em Lisboa no dia 30 de Novembro de 1807 e ainda viu os navios com D. João VI, sua esposa, Carlota Joaquina, seu filho Pedro de Alcantara, nosso futuro D. Pedro I, meu tataravô e mais toda a corte navegando com destino ao Brasil. É daí, aliás, que nasceu a expressão “a ver navios”. Essa caravana somava cerca de 15 mil pessoas e isso equivalia a 5% da população de Portugal na época e estava protegida pela marinha britânica. No seu lugar, D. João VI deixou o país sob responsabilidade de uma regência que tinha ordens de não resistir aos avanços Franceses.

E depois de tomarem Lisboa, os franceses enviaram mais tropas para se estabelecerem na capital portuguesa e, assim, conter possíveis rebeliões. Isso foi acontecendo em diferentes levas entre o final de 1807 e o começo de 1808. E foi sob o pretexto de reforçar as tropas que ocupavam Lisboa, que Napoleão subjuguou Barcelona em 29 de Fevereiro, conforme o Francisco falou aí atrás. Então aqui o ouvinte tem uma ideia melhor de como essas duas ações em conjunto se entrelaçam.

[#3 Parte da transcrição]

[Jorge Virgílio]

[REVOLTAS EM PORTUGAL]

[32:27]

O Igor falou que chegou 15 mil pessoas aqui no Brasil. Como eles vieram para o Rio, a população do Rio nessa época era alguma coisa ali em torno de 40 mil pessoas. Então você quase que dobrou a população da cidade com um monte de refugiado nobre português. Isso deve ter sido uma coisa linda né?

E olha só que interessante. Portugal e Espanha não tinham apenas em comum o fato de terem reis fracos, eles também contavam com um povo que não desistia sem lutar. Várias revoltas começaram a eclodir em todo o território lusitano a partir de Junho de 1808. E sabe porque? Por causa das revoltas espanholas que começaram em 2 de Maio em decorrência da remoção dos filhos de Carlos IV para a França. Lembra disso? Falamos sobre agora há pouco. A notícia destes levantes na Espanha chegaram a Portugal e os portugueses fizeram a mesma coisa.

Ao mesmo tempo, um dos generais espanhóis que ajudava os franceses na ocupação de Portugal, o general Solano, ao saber da traição que seu país sofrera e das revoltas que lá aconteciam, levou suas tropas de volta para sua terra natal e, no caminho ainda prendeu tropas francesas sob o comando do general Quesnel, que tinha recebido ordens de voltar e ajuda a conter as revoltas em Madri.

Pouco antes destes levantes em Portugal, D. João VI, que estava no Brasil, declarava nulos todos os tratados entre Portugal com a França, declarando guerra aos franceses e amizade ali aos seus antigos aliados de sempre, os britânicos. Isso aconteceu em 9 de maio de 1808, mas tinha um efeito apenas simbólico.

Em Portugal, as tropas francesas sob o comando de Junot ficam reduzidas às concentrações numa área em volta ali de Lisboa, delimitada pelo Atlântico, o rio Tejo, e por uma linha que ia de Peniche até Abrantes. No resto do território, os franceses dispunham de forças em posições fortificadas em Setúbal, Almeida e Elvas. Fora dessa área e dessas localidades, os franceses deslocavam-se ainda com facilidade, provocando baixas às forças portuguesas e às populações que tentavam resistir. [Um comentário, aqui que ele falou, que eles tinham posições fortificadas em Almeida, só... não tem nada a ver com o que a gente está falando aqui, mas foi só uma curiosidade, no Arco de Triunfo em Paris tem o nome de todas essas cidades escrito, que são os nomes das cidades que o Napoleão ocupou. E aí eu fiz uma aposta com um cara uma vez, que eu ia escrever o meu nome no Arco do Triunfo lá em Paris, daí ele apostou comigo que eu não faria isso, que eu seria preso e deportado. Aí eu tirei uma foto apontando para o nome da cidade Almeida, é o meu nome, está ali escrito no Arco do Triunfo e aí eu ganhei a aposta. Mas é besteira!]

[risos]

Bom, mas voltando aqui pro nosso enredo, e a resistência portuguesa crescia a cada dia. Para citar um exemplo, quando uma força francesa sob o comando do general Louis Henri Loison tentou marchar sobre o Porto, acabou sendo cercada por camponeses quase que sem armas, mas muito aguerridos. Após três dias de combates, Loison é forçado a retroceder. Só que, claro, os ingleses não perderiam uma oportunidade dessas.

No dia 1 de agosto de 1808, as tropas britânicas começaram a desembarcar perto da Figueira da Foz, marchando no dia 10 em direção a Leiria onde se juntaram às forças portuguesas de Bernardino Freire, comandante do exército português em Montemor-o-Velho. No total seriam cerca de 20 mil homens: 14 mil britânicos e 6 mil portugueses. Do lado francês, havia inicialmente 30 mil homens, mas apenas 12 mil nos arredores da capital. Os restantes estavam distribuídos pelo interior ou morreram nas revoltas populares.

Foram travadas duas batalhas: a Batalha de Roliça e a Batalha do Vimeiro, ambas vencidas pelos aliados Portugal e Grã-Bretanha. Por conta dessas derrotas, Junot se viu forçado a pedir uma trégua, e aí no dia 22 de Agosto de 1808 começa então a chamada Convenção de Sintra, entre generais franceses e britânicos, que iria durar até o dia 30 daquele mês. Entre outras disposições, este armistício estabelecia o rio Sizandro, nos arredores de Lisboa, como fronteira entre as tropas britânicas e as francesas, enquanto as tropas portuguesas deveriam ficar atrás da linha entre Leiria e Tomar.

Em termos militares, o acordo traduzia-se em benefícios mútuos: Junot, sem linhas de comunicações confiáveis com a França, retirava suas tropas sem maiores perdas e em segurança. Os ingleses ganhavam o controle da capital, Lisboa, e da temida linha de defesa da barra do rio Tejo, sem necessidade de combate. Contudo, a forma final deste acordo permitiu que os franceses levassem consigo não só as suas armas e bagagens, mas também uma quantidade muito grande de bens saqueados em Portugal. Com este acordo, os franceses ganharam tempo.

Essa decisão foi tão questionável que os oficiais britânicos responsáveis pelo acordo, Dalrymple, Burray e Arthur Wellington foram chamados à Londres para dar explicações. Isso no final acabou sendo um escândalo, mas as consequências deste ato o Igor vai falar lá pra frente. Antes disso, Francisco, conta pra gente: o Império de Napoleão deixou por isso mesmo ou ele contra-atacou?

[Francisco Seixas]

[37:26]

Bom, é claro que a França não ia deixar barato esse negócio né?

Com Espanha e Portugal praticamente perdidos àquela altura, Napoleão precisava reagir de alguma maneira. Entre setembro e outubro daquele ano de 1808 foram reafirmados os termos do acordo de Tilsit, que já comentamos aqui e que foi assinado pelo Napoleão e o Czar russo Alexander I. Com isso, Napoleão podia ficar tranquilo ao leste da Europa e deslocar suas tropas para retomar a Península Ibérica.

No dia 4 de Novembro ele entra na Espanha com mais de 200 mil homens. Por causa da enorme superioridade numérica francesa, os ingleses que estavam em Portugal, liderados por Sir John Moore, se deslocaram para o país vizinho.

Na cidade espanhola de Corunha se deu um intenso combate no dia 16 de Janeiro de 1809, conhecido hoje como Batalha da Corunha ou ainda Batalha de Elviña. Do lado francês, o general Nicolas Soult tinha à sua disposição 16 mil homens, mesmo número que os ingleses tinham, mas ele contava com uma artilharia maior e com mais cavalos.

Por isso, os franceses acabaram vencendo, com a perda de 1200 homens. Do lado inglês, apenas 900 morreram em combate, incluindo o general John Moore, mas outros 8 mil morreram na viagem de volta à Portugal.

Com a saída dos ingleses da Espanha, a França podia agora se concentrar em invadir novamente Portugal. Napoleão já estava de volta ao seu país para lutar contra os austríacos, deixando o general Soult encarregado da península ibérica. No entanto, antes de sair ele tinha planejado uma estratégia de invadir a terra de Roberto Leal e Cristiano Ronaldo em três frentes: pelo norte, pelo sul e ao leste.

Napoleão achava que estaria tudo resolvido até o meio do ano, mas ele subestimou a resistência ibérica. A Junta espanhola assumiu a direção do esforço de guerra, implementou impostos de guerra, organizou o Exército na região de La Mancha, aquela mesma do Don Quixote e que fica no centro do país, e assinou um tratado de aliança com o Reino Unido em 14 de janeiro de 1809.

Oficialmente, o general francês Soult tinha 40.000 homens à disposição. Só que, depois das campanhas de retomada da Espanha, milhares de soldados encontravam-se doentes. Então na realidade ele só dispunha de 20.000 homens, enfrentando também dificuldades em equipá-los e uma carência crônica de cavalos e veículos de transporte. No entanto, a determinação de Soult permitiu-lhe capturar a base naval de Ferrol em 26 de janeiro, apreendendo oito navios de carreira, três fragatas, vários milhares de prisioneiros e uma quantidade imensa de equipamento, incluindo 20.000 mosquetes. Isso permitiu a Soult compensar a carência de equipamento e prosseguir com os planos de invadir Portugal.

Em março de 1809, Soult inicia a segunda invasão de Portugal através do corredor do norte. O exército de Soult enfrentava 12.000 homens representados pelos regimentos de linha, milícias e a ordenança da província de Trás-os-Montes. Comandadas por Francisco da Silveira, estas forças rapidamente bateram em retirada no meio do caos e da desordem que se estabeleceu ali. Dois dias depois, após atravessar a fronteira, Soult tinha já conquistado o forte de Chaves. Virando em direção a oeste, os franceses foram confrontados por uma força portuguesa de 25.000 homens mal preparados e indisciplinados. Enquanto esperava pelo exército de Soult, a milícia portuguesa linchou o seu próprio comandante, Bernardim Freire, que pretendia dar no pé, se retirar.

Em 20 de março, 16.000 dos soldados profissionais de Soult pertencentes ao II corpo da Grande Armée avançaram e mataram 4000 milicianos portugueses durante a Batalha do Carvalho D'Este nos arredores de Braga, dirigindo-se depois para o sul em direção ao Porto. Em 29 de março, durante a Primeira Batalha do Porto, os defensores portugueses entraram em pânico e tentaram fugir para o sul atravessando o rio Douro pela ponte das Barcas. E olha só o que aconteceu, gente, devido ao peso da multidão em fuga, a ponte cedeu e milhares de pessoas acabaram morreram afogadas, o que ficou conhecido como o Desastre da Ponte das Barcas. A batalha representou uma vitória para as forças francesas e, com menos de 500 baixas, Soult assegurou o controle da segunda maior cidade portuguesa, com as docas e arsenais intactos, capturando uma imensa quantidade de comida, munições e, o que era melhor de tudo, 30 navios de vinho. Do lado português ocorreram perdas significativas, como mais de 200 peças de artilharia. Foram entre 6000 e 20.000 homens mortos, feridos ou capturados.

Por volta de maio de 1809, o exército francês contava vitórias em praticamente todas as cidades espanholas. O exército espanhol debandou para o sul através da planície, sendo perseguido pela cavalaria francesa que infligiu um elevado número de baixas. Apesar de a batalha ter sido terminada por uma tempestade, pelo menos 8000 espanhóis morreram e 2000 foram feitos prisioneiros, enquanto entre os franceses o número de baixas foi apenas entre 300 e 2000.

Mas, claro, ainda faltava tomar a capital Lisboa. Só que aí não seria tão fácil assim, não é mesmo Igor?

[música]

[INTERVENÇÃO BRITÂNICA]

[Igor Alcantara]

[43:03]

É verdade. Bom, como os eventos aqui aconteceram em diferentes frentes de forma quase simultânea, nós aqui no TemaCast, decidimos organizar esse episódio de modo que o ouvinte entenda todos os lados envolvidos. Então a gente falou da perspectiva espanhola, depois a gente voltou no tempo e falou da mesma linha do tempo da

perspectiva portuguesa e agora a gente vai falar da perspectiva britânica. Então o que eu vou contar aqui já foi falado antes, mas eu vou abordar aqui como os ingleses viram tudo isso.

Cinco dias após a Espanha ter declarado guerra à França, as juntas das Astúrias, Galiza e Sevilha enviaram delegações pra Londres com o intuito de pedir ajuda, embora não tenham requisitado especificamente tropas. Em 27 de junho de 1808 chegam a Gijón três oficiais britânicos liderados por um tenente-coronel para avaliar a situação do ponto de vista militar. Na sequência da vitória de Bailén, o secretário de estado dos assuntos militares Robert Stewart envia uma segunda delegação liderada pelo general James Leith, que chega a Gijón em 30 de agosto. Esta missão tem como objetivo determinar de que forma é que o norte da Espanha possa ser reforçado de modo a impedir que Napoleão envie reforços através de Irun, isolando-o em Madrid e Burgos. Isso tudo aconteceu neste período em que Napoleão entrou com os 200 mil homens na Península, ainda em 1808.

Em agosto de 1808, chega a Portugal o exército britânico, incluindo a King's German Legion, comandada pelo tenente-general Sir Arthur Wellington, ou duque de Wellington. Liderando um exército anglo-português, em 17 de agosto Wellington repeliu as forças de Henri Delaborde na Batalha da Roliça, que a gente já comentou aqui também. Em 21 de agosto, após se ter movimentado para a foz do rio Maceira com o objetivo de proteger os reforços terrestres, Wellington foi atacado por Junot no Vimeiro.

A Batalha do Vimeiro foi o primeiro conflito em que as táticas ofensivas napoleônicas, que conjugavam atiradores, colunas e artilharia de suporte, falharam contra as linhas de infantaria britânicas. No entanto, Wellington era considerado um oficial muito novo para comandar o exército, tendo sido inicialmente substituído por Harry Burrard e depois por Sir Hew Dalrymple.

Dalrymple garantiu a Junot termos favoráveis de armistício, em que através da controversa Convenção de Sintra, que a gente também já falou, lhe foi permitido evacuar as tropas francesas de Portugal através da Marinha Real Britânica.

No início de outubro, na sequência do escândalo ocorrido no Reino Unido sobre a convenção de Sintra e a retirada dos generais Dalrymple, Burrard, e Wellington, o comando da força britânica de 30.000 homens em Portugal foi assumido por Sir John Moore. No mesmo mês, partiu de Falmouth uma expedição de reforço comandada por Sir David Baird, constituída por entre 12 a 13 mil homens, que entrou no porto de Corunha no dia 13.

Só que os britânicos contribuíram de forma substancial para a causa espanhola ao evacuar cerca de 9.000 homens da Divisão do Norte, liderada por Pedro Caro. A divisão espanhola encontrava-se estacionada na Dinamarca desde 1807, antes de Napoleão trair os espanhóis, para prestar assistência ao então aliado exército francês. No entanto, quando eles ficaram sabendo de que Napoleão tinha colocado o seu irmão no trono espanhol, La Romana e seus oficiais negociaram em segredo com a frota britânica do Báltico o transporte da divisão para o regresso a Espanha.

Em agosto de 1808, após a captura dos portos dinamarqueses, todos os regimentos à exceção de três que não conseguiram escapar, foram transferidos para Gotemburgo e daí para San Sebastián, onde chegaram em outubro de 1808.

Wellington regressou a Portugal em abril de 1809 para comandar a contraofensiva do exército anglo-português. O exército britânico foi reforçado com regimentos portugueses treinados pelo general Beresford, o que lhes permitiu adaptar-se ao estilo de campanha britânico. Estas novas forças expulsaram Soult de Portugal na sequência da Batalha de Grijó, travada entre 10 e 11 de maio, e da Segunda Batalha

do Porto, em 12 de maio. As restantes cidades do Norte foram recapturadas pelo general Silveira.

Perante a contraofensiva em Portugal, Soult retirou em marcha pelas montanhas de Ourense. Assegurando o território português, Wellington avançou em direção a Espanha para se juntar às forças de Cuesta. Os aliados planejaram uma ofensiva ao I Corpo de Claude Victor em Talavera no dia 23 de julho.

Em 27 de julho, na Batalha de Talavera, os franceses avançaram em três colunas, sendo várias vezes repelidos pelas forças britânicas, embora, claro, com grandes custos humanos. Wellington, ignorando os apelos de Cuesta para iniciar uma ofensiva geral, decidiu efetuar uma retirada gradual, abandonando Talavera em 4 de agosto. Wellington estava preocupado com a aproximação iminente do exército de Soult, tendo receio de perder a sua base em Portugal.

Ele enviou a brigada ligeira para defender a ponte sobre o rio Tejo em Almaraz e, em 8 de agosto, o exército de Soult enfrentou o exército espanhol em El Puente del Arzobispo. Asseguradas as comunicações e abastecimento a partir de Lisboa, Wellington considerou juntar-se novamente a Cuesta.

No entanto, começavam a existir diversos atritos entre os britânicos e os espanhóis; após Talavera, os espanhóis abandonaram os feridos britânicos à sua própria sorte, enquanto que alguns movimentos do exército espanhol comprometeram a posição estratégica de Wellington. Além disso, os espanhóis prometeram fornecer suprimentos aos britânicos caso avançassem para Espanha, o que nunca chegou a acontecer. A falta de abastecimentos, que a gente sabe que é uma coisa crucial em guerra, e a ameaça de reforços franceses levou os britânicos a se retirar para Portugal.

Abalada pela recusa de Wellington em contribuir com mais soldados britânicos, a Junta que governava a Espanha rebelde planejou lançar uma ofensiva em duas fases para recapturar Madrid: uma ao norte e outra pelo sul. Só que, sozinhos, eles perderam muitos homens em várias batalhas pelo país inteiro, principalmente na Andaluzia.

Em 19 de janeiro de 1810, 60.000 soldados franceses avançaram para sul de encontro com o exército espanhol. Em inferioridade numérica em todas as posições, os espanhóis fugiram em direção a leste e ao sul, perdendo cidade atrás de cidade para o inimigo. Em 23 de janeiro a Junta Central decide abandonar Sevilha em direção à segurança de Cádiz, dissolvendo-se a si própria em 29 de janeiro e criando um Conselho de Regência com cinco membros, encarregado de convocar as Cortes, e o que era, nesse ponto aqui, uma exigência popular.

[música]

[#4 Parte da transcrição]

[Batalhas Finais]

[Jorge Virgílio]

[50:13]

Neste período né, a Espanha tinha praticamente dois governos. Oficialmente governava José I, irmão de Napoleão que foi colocado lá de forma forçada em 1808 conforme a gente já citou anteriormente. No lado dos espanhóis havia uma Junta, que a gente também comentou que organizava o esforço de guerra e era o governo que os britânicos reconheciam. Nós não vamos nos aprofundar muito nisso porque desviaria do tema da guerra, mas foi importante pontuar isso para não deixar passar.

[50:36]

Depois das vitórias francesas em 1810, as batalhas esfriaram na Espanha, sob domínio quase total francês, e em Portugal, com presença espanhola, mas com os ingleses dominando boa parte do território. Havia uma batalha ou revolta aqui e outra

acolá, mas nada que ameaçasse mudar a situação. Só que aí o olho grande de Napoleão ficou grande demais.

[50:57]

Lembra que em 1807 ele tinha assinado um acordo com a Rússia? Pois bem, ele achou que já estaria preparado para quebrar esse acordo e decidiu invadir a terra de Tolstoi e Dostoiévski em 1812. Claro que não vamos detalhar isso aqui porque no futuro teremos um episódio sobre essa campanha da Rússia, mas eu estou citando este episódio por ele ter sido fundamental na Guerra Peninsular.

[51:18]

Preparando-se para essa campanha na Rússia, Napoleão tirou muitas tropas dos dois países e isso obrigou o general Marmont, em Portugal, e o general Sault, na Espanha, a reduzirem suas atividades. Sabendo disso, as guerrilhas espanholas intensificaram suas ações, afetando principalmente as linhas de abastecimento e obtendo controle das estradas até Portugal de modo a permitir que as forças anglo-portuguesas entrassem.

[51:42]

Só que para chegar à Espanha, essas tropas tinham que primeiro expulsar o resto das tropas francesas que estavam em Portugal. Foi travada então a Batalha de Salamanca no dia 22 de Julho de 1812 e que pôs fim de uma vez por todas a ocupação francesa em terras lusitanas. Dali os aliados podiam seguir de modo a libertar o restante da península.

[52:03]

Inclusive esta batalha ocorreu ali na cidade de Almeida, só um comentário à parte: Todos os anos eles fazem a - vamos dizer assim - a encenação desta batalha lá em Portugal. Vem um pessoal vestido de exército francês e um pessoal vestido de exército luso-britânico e eles recriam esta batalha lá na cidade de Almeida - Vila de Almeida mais especificamente falando...

[52:22]

Mais enfim após a Batalha de Salamanca, os franceses evacuaram Madrid e o exército aliado entrou na capital espanhola em 12 de Agosto. A contraofensiva francesa, no entanto, obrigou o general inglês Wellington a levantar o cerco que tinha colocado a Burgos e a abandonar Madrid e recuar até Ciudad Rodrigo onde chegou a 19 de Novembro. Ali ele reorganizou o seu exército. Nos próximos seis meses houve pouco contato entre o Exército Aliado e o Exército Francês. Entretanto tinham chegado notícias do desastre da campanha da Rússia e o objetivo de empurrar os Franceses para além dos Pireneus apresentava-se mais próximo.

[52:59]

Quer dizer, na verdade Napoleão iniciando os erros que depois Hitler iria cometer né, de abrir duas frentes.

Bom. No dia 24 de Maio já de 1813, o General de brigada Jean-Louis Villatte, cuja divisão se encontrava em Salamanca, assegurava que os aliados marchavam em grande força contra a cidade. Foram dadas ordens para concentração das forças e o rei José Bonaparte ordenou ao general Clausel que enviasse seis divisões de infantaria. Villatte tinha razão ao afirmar que Wellington se dirigia para Salamanca mas a maior parte da força Aliada, cerca de 50.000 homens sob comando do General Thomas Graham, encontravam-se na margem Norte do Douro.

[53:39]

A coluna sob comando do general Graham deslocou-se através de Trás-os Montes e passou em Bragança e Miranda do Douro no dia 26 de Maio. No dia 29, esta força encontrava-se em Toro, a Norte do Douro. O Exército Aliado marchava mais a Norte do que os Franceses esperavam. O seu abastecimento era agora feito a partir dos portos do Norte de Espanha. No dia 15 de Junho encontravam-se à beira do vale do Ebro.

[54:00]

José Bonaparte tinha estabelecido que o seu exército iria defender a linha do Ebro entre Fraies e Haro mas, cerca de 30 km para além do seu limite direito. Os Aliados atravessavam aquele rio sem oposição. Após colocar forças de vigilância para evitar ser surpreendido pelo Exército de Clausel, Wellington marchou com as restantes forças em direção a Vitória. Clausel encontrava-se em Pamplona de onde dirigia uma ação contra as guerrilhas no Norte de Espanha. Só no dia 15 de Junho recebeu as cartas de José Bonaparte solicitando as suas divisões, que não chegariam a tempo.

[54:32]

Foi decidido concentrar as forças francesas na planície de Vitória a pouco mais de 100 km da fronteira francesa. A sua intenção era ganhar tempo para que os volumosos trens se adiantassem o mais possível em direção à fronteira. A necessidade de manter as linhas de comunicações com França obrigava-os a se retirar. Vitória era uma cidade onde confluíam importantes estradas e por isso era o melhor local para as forças do General Clausel se juntarem às forças de José Bonaparte.

[54:58]

E foi assim que no dia 21 de junho de 1813 foi travada a Batalha de Vitória, com vitória dos ingleses. Apesar do seu carácter espetacular, essa batalha não foi das mais sangrentas. Os Franceses sofreram 8.000 baixas e os Aliados 5.000. Além das perdas humanas, os Franceses deixaram no terreno toda a sua artilharia. Quando se reorganizaram, nos Pirenéus, já com as forças do general Clausel, conseguiram reunir perto de 80.000 homens embora quase sem artilharia.

[55:28]

Napoleão mandou uma contraofensiva, mas àquela altura ele já tinha sofrido uma grande derrota na Rússia e estava sendo atacado por todos os lados - Enfim "Deu ruim". Dá-se então no dia 25 de julho de 1813 a Batalha dos Pirinéus (não confundir com guerra dos Pirineus), que tinha 62 mil soldados aliados contra 79 mil franceses. Mesmo assim, as tropas de Napoleão perderam mais uma vez, com 12.500 soldados mortos, contra 7 mil de seus inimigos.

[55:56]

E aqui eu só quero fazer um parêntese já que a gente fala estes números 60 mil, 70 mil.... Isto já seria muita gente hoje, mas se você colocar em perspectiva, se colocar no começo do século 19, isto eram populações do que da maioria das cidades. Então estavam cidades inteiras sendo dizimadas em uma única batalha.

[Música]

[Batalhas Finais]

[Francisco Seixas]

[56:23]

A partir daí foram várias outras batalhas em território francês até a vitória final em Toulouse em 10 de Abril de 1814. Chegava assim ao fim a Guerra Peninsular. Bastava agora a Espanha e Portugal, que passaria a ser governada por uma Junta que atuava em nome de D. João VI que estava curtindo a vida adoidado no Brasil, se reconstruírem e reorganizar. No caso Espanhol o rei Fernando VII voltou ao poder. Entender essa guerra é importante por ela ter desdobramentos em toda a América Latina, incluindo o Brasil. Não tem como falarmos no futuro sobre a independência do Brasil sem passar antes por essa batalha.

[57:17]

Ao eliminar a monarquia de Carlos IV na Europa, por exemplo, Napoleão abriu as portas que conduziram à independência da América espanhola. O mesmo ocorreu para permitir a saída de D. João VI para o Brasil, processo que criaria as pré-condições para a independência da América portuguesa. Ainda em 1808, ao chegar a Salvador, na Bahia, o príncipe regente assinou o Decreto de Abertura dos Portos às Nações Amigas, vindo a assinar, em 1810, os tratados que permitiram a hegemonia britânica

nas relações comerciais entre ambos os países, abrindo as portas de um mercado em três continentes, com tarifas alfandegárias privilegiadas.

[57:59]

Com fôlego renovado, sob o comando do mesmo Wellington, herói da Guerra Peninsular, a Grã-Bretanha derrotou Napoleão na Batalha de Waterloo em 1815, desfrutando de uma hegemonia mundial que conservaria até a Primeira Guerra Mundial.

Por outro lado, embora com menor impacto, o governo de Portugal declararia guerra à França e à Espanha, ocupando a Guiana francesa entre 1809 e 1815 e a Banda Oriental do rio da Prata, atual Uruguai entre 1810 e 1828. E aí o ouvinte pode saber mais sobre isso lá no episódio #27 onde falamos sobre a Guerra da Cisplatina.

[58:41]

A crise econômica e institucional em Portugal continental agravou-se com a permanência da corte portuguesa no Brasil, o que fortaleceu as ideias liberais no país, conduzindo à Revolução do Porto em 1820 e forçando o retorno de D. João VI à Europa em 1821. A tentativa de recolonização do Brasil levou à nossa guerra de independência, no ano seguinte (em 1822).

Enquanto franceses e ingleses continuaram com o seu desenvolvimento econômico e industrial, Portugal viu o seu território transformado em campo de batalha, as cidades constantemente pilhadas pelos exércitos estrangeiros, a independência da América Portuguesa e a estagnação de sua indústria. Essa foi uma daquelas guerras que mudou de fato o balanço das forças mundiais.

[59:15]

E pessoal, agora a gente chega ao final deste episódio que fala sobre a Guerra Peninsular.

E agora a gente vai para o nosso bloco de jabá e eu vou convidar o meu amigo Igor Alcantara para que faça o seu.

[59:29]

[Igor Alcantara]

Pois é, como eu já comentei em episódios este ano completa - Ano de lançamento deste episódio - então se você está escutando este episódio em 2030... não diz respeito a exatamente isto.

Mas, no momento em que este episódio está sendo lançado né. O meu primeiro livro 'O dia em que deus chorou' está completando 20 anos desde que ele foi escrito e, por causa disso, durante o ano inteiro este livro está em promoção, está com preços baixíssimos.

Então você pode comprar ele, tanto versão impressa, versão digital e você pode obter informações sobre como comprar ele com um preço baixinho lá no meu site, no igoralcantara.com.br.

No meu site também, se você entrar na parte de livros entrar lá onde tem "O dia em que deus chorou" você pode obter mais informações sobre o livro e você pode, inclusive, ouvir um áudio da narração do primeiro capítulo do livro. Então vale a pena entrar lá no 'igoralcantara.com.br' para saber mais sobre isso.

[1:00:28]

[Francisco Seixas]

Perfeitamente!

E você meu querido amigo Jorge Virgílio de Almeida?

[1:00:32]

[Jorge Virgílio]

Olha aí Francisco: Eu como sempre vou fazer aqui o jabá do Temacast, vou lembrar que agora nós temos 'patreon', que você pode colaborar com o Temacast.

Se você curte a gente e quer colaborar, colabore. Se você pode colaborar, colabore. Né?.

Porque, como a gente disse lá no episódio piloto do Temacast+, se a gente conseguir alcançar as nossas metas o Temacast agora vai ser praticamente semanal, embora com aquele estilo: Os episódios longos mesclados com os episódios mais curtos.

[1:01:05]

E também, fazer meu apelo aqui para as pessoas que ainda não saíram do armário porque esta campanha está dando certo. Que elas saiam do armário, que elas escrevam para gente e digam o que elas são a quanto tempo elas escutam o temacast, preferências de episódios. A gente quer conhecer melhor os nossos ouvintes.

Então, vamos lá pessoal. Vamos sair do armário e escrever para gente.

[1:01:25]

[Francisco Seixas]

Perfeitamente.

O Igor eu vou te fazer uma pergunta agora: “A gente vai para onde meu querido?”.

[Igor Alcantara]

A gente vai conversar com nossos ouvintes que já saíram do armário. Então a gente vai para a nossa leitura de e-mails e comentários

[Francisco Seixas]

[1:01:39]

É isso aí.

Então eu quero deixar um grande abraço para você Igor, um outro grande abraço para você Jorge e um grandíssimo abraço para todos nossos ouvintes e por favor fiquem mais um pouquinho aqui conosco e escutem aí a nossa leitura de e-mails e comentários.

Eu quero deixar um tchau tchau para vocês todos.

[Igor Alcantara]

Tchau galera.

[Jorge Virgílio]

Tchau pessoa.

[1:01:53]

[Música]